

Universidade de Brasília - UnB
Faculdade de Comunicação - FAC
Departamento de Jornalismo - JOR

Danielle Ferreira de Assis

Cobertura jornalística *versus* midiativismo:
a disputa de narrativas da Ocupa UnB

Brasília
2018

Danielle Ferreira de Assis¹

**Cobertura jornalística versus midiativismo:
a disputa de narrativas da Ocupa UnB²³**

Artigo apresentado como produto de Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para obtenção do título de bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Liziane Soares Guazina.

Brasília

2018

¹ Graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília; e-mail: df.assis97@gmail.com

² Pesquisa realizada com apoio da Universidade de Brasília por meio do Programa de Iniciação Científica (PROIC).

³Trabalho de Conclusão de Curso.

Professora Liziane Guazina (FAC-UnB)

Orientadora

Professora Márcia Marques (FAC-UnB)

Examinadora

Luana Ferreira (PPGCOM/FAC-UnB)

Examinadora

Professor Sérgio Ribeiro (FAC-UnB)

Suplente

"Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu."

Darcy Ribeiro

Resumo

Mobilizações estudantis floresceram por todo o país em 2016, através da ocupação de escolas e universidades contra o congelamento de investimentos na educação, a Reforma do Ensino Médio e o projeto "Escola Sem Partido". Este artigo busca analisar o papel da comunicação ativista, em contraponto à cobertura da mídia tradicional, na ocupação da Universidade de Brasília (UnB). Para tal, foram considerados clipping de notícias e análise da página do Facebook da Ocupa UnB, além documentos públicos do movimento. Os resultados das análises mostram as diferenças de narrativa entre a cobertura jornalística da mídia tradicional e da comunicação da Ocupa UnB sobre o movimento, além de indicar como estratégias de midiativismo tiveram importante papel de organização de narrativas públicas sobre o próprio movimento.

Palavras-chave

Movimento estudantil; ocupações; PEC do Teto de Gastos; midiativismo; disputa de narrativas.

Introdução

A ocupação de escolas e universidades em 2016 pautou os principais veículos de comunicação do Brasil. O movimento, que ficou conhecido popularmente como "primavera estudantil", teve como principal origem a apresentação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241, conhecida como PEC do Teto de Gastos, que estipulou um teto para os investimentos em setores como saúde e educação por 20 anos. Organizados, os estudantes tomaram os espaços institucionais para, em uma tática de ação direta, atuarem no debate público por meio da ação coletiva.

Nesse cenário, a mídia nacional e local noticiava os fatos, muitas vezes, sem ouvir os/as protagonistas dos eventos e sem explicar os motivos dos protestos, enquanto a mídia internacional chegou a mostrar as ocupações como uma das maiores mobilizações estudantis da atualidade. Baseados nessas observações, os estudantes que participavam da ocupação perceberam a necessidade de expressar sua própria narrativa, em disputa àquela produzida pela imprensa *mainstream*. Como define Motta (2012), se somos seres narrativos, também o cânon organizador da experiência vivida é de ordem narrativa (p.27). Neste sentido, a organização dos dados da experiência se faz por ideia condutora capaz de organizar também ação.

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise do clipping de notícias publicadas pela mídia tradicional do Distrito Federal e das redes sociais oficiais do movimento Ocupa UnB⁴ a fim de compreender a disputa de narrativas que ocorreu naquele momento histórico da Universidade e do país. Os dados digitais foram coletados a partir de post públicos feitos pelo movimento no Facebook e no Twitter. Além disso, de forma complementar, observou-se também documentos oficiais públicos da ocupação (manifestos, cartilhas, cartazes, etc)

A partir da análise das narrativas midiáticas do movimento de Ocupação, a pesquisa se propôs a identificar elementos de configuração narrativa da Ocupação da UnB de 2016. Entende-se que o movimento de ocupação dos estudantes da UnB

⁴ Este artigo explora e desenvolve um recorte dos dados levantados para o Relatório Final enviado ao PIBIC/PROIC.

constituiu-se como movimento social (Gohn, 2010) participante ativo daquele momento histórico da política brasileira, que utilizou estratégias de midiativismo para produzir e amplificar conteúdos nas redes (Castells, 2013; Ugarte, 2007).

O artigo pretende, ainda, registrar um pouco da memória das ocupações através de narrativas jornalísticas, especialmente as midiativistas. Ao fazer isso, estamos reivindicando a história contada pelos olhos dos oprimidos.

Antes de discorrer sobre as estratégias de construção narrativa da Ocupação, no entanto, vamos recuperar brevemente o contexto das ocupações estudantis de 2016 no país, conforme se segue.

As ocupações de 2016

Após o dia 31 de agosto de 2016, data do *impeachment* que destituiu a então presidenta Dilma Rousseff, o cenário de crise e instabilidade política no Brasil se acirrou. O vice-presidente Michel Temer assumiu a Presidência definitivamente e iniciou a implementação de medidas de austeridade para conter o que chamou de “gastos públicos”, em meio a uma das maiores crises econômicas e políticas da história do país. Os principais projetos apresentados diziam respeito aos investimentos em saúde, educação e segurança públicas, com a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) número 241 na Câmara dos Deputados (número 55 no Senado Federal); e aos direitos trabalhistas e previdenciários, com a Reforma da Previdência e a Reforma Trabalhista. Na Educação, além da PEC do congelamento nos investimentos, tramitavam no Congresso Nacional o “Escola Sem Partido” e a Reforma do Ensino Médio, duas propostas polêmicas que também foram centrais para o surgimento das ocupações estudantis.

O “Escola Sem Partido”, movimento criado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib, ganhou força a partir de 2015, e pautou diversas Câmaras Municipais e o Congresso Nacional, originando projetos de lei homônimos ao movimento. Estes reivindicam a limitação de discussões críticas dentro das instituições de ensino básicas,

afirmando que é preciso combater a "doutrinação ideológica" nas escolas. A iniciativa foi apoiada por grupos políticos como o Movimento Brasil Livre (MBL) e figuras políticas influentes.

Especialistas em Educação e Direitos Humanos, por outro lado, criticaram veementemente o projeto, afirmando que a proposta é conservadora e autoritária. O professor adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) Fernando Penna considera, conforme disse em audiência pública sobre o projeto na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado, no dia 16 de novembro de 2016, que o projeto "adota estratégias dos discursos fascistas e de desumanização dos professores"⁵. Além disso, também se manifestaram, à época, contra o projeto, a subprocuradora da República e titular da Procuradoria Federal dos Direitos dos Cidadãos, Deborah Duprat, que destacou inconstitucionalidades na proposta⁶; e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, que indicou que o projeto representava ameaça para os direitos humanos⁷.

Outro projeto que estava sendo discutido naquele momento, e acabou sendo aprovado pelo Congresso um tempo depois, era a Medida Provisória nº 746, conhecida como Reforma do Ensino Médio. A MP dizia respeito às alterações nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, instituindo mudanças como a ampliação da carga horária de 800 para 1.400 horas; formação com ênfase em linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas ou formação técnica, deixando de fora a obrigatoriedade do ensino de Artes, Educação Física, Filosofia e Sociologia; dentre outras modificações.

Apesar da centralidade de temas como "Escola Sem Partido" e Reforma do Ensino Médio, principalmente nas ocupações secundaristas, a principal pauta dos universitários era a PEC 241 (posteriormente PEC 55), apelidada de "PEC do Teto de Gastos" pelo governo e "PEC do Fim do Mundo" pelos opositores. Enviada à Câmara

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/2A45nau>>. Acesso 18 Dez. 2018.

⁶ "PL que institui Escola sem Partido é inconstitucional", defende Deborah Duprat". Disponível em: <<http://bit.ly/2QG24R4>>. Acesso 18 Dez. 2018.

⁷ "ONU alerta para impactos do projeto Escola sem Partido na educação". Disponível em: <<http://bit.ly/2SaWouY>>. Acesso 18 Dez. 2018.

dos Deputados em junho de 2016, a proposta previa o congelamento de investimentos em saúde e educação por 20 anos, segundo o gasto realizado no ano anterior corrigido pela inflação. O texto foi aprovado no dia 10 de outubro de 2016, com 366 votos a favor (eram necessários 308), contra 111 votos contrários e duas abstenções, mesmo sob forte pressão da sociedade civil, das entidades da educação, dos movimentos sociais e da Procuradoria Geral da República.

Em reação a esse cenário, no dia 3 de outubro de 2016, a primeira escola foi ocupada: o Colégio Estadual Padre Arnaldo Jansen, em São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba. O Paraná se tornou o epicentro e o estado pioneiro das manifestações estudantis da época, e em certo momento chegou a reunir metade do total de ocupações de todo o país. No total, foram cerca de 1.500 escolas de ensino médio e 250 universidades ocupadas no período entre outubro e dezembro daquele ano, em mais de 20 estados do Brasil, de acordo com levantamento da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) e da União Nacional dos Estudantes (UNE)⁸. Este modelo de ocupação foi inspirado pelo movimento estudantil do Chile, que em 2006 encabeçou a Revolução dos Pinguins — uma mobilização envolvendo mais de 600 mil estudantes secundaristas em greve, que ocuparam suas escolas e foram às ruas exigindo, dentre outras pautas, uma educação pública e gratuita. Apesar de os estudantes chilenos não terem conquistado todas as reivindicações na época, eles se transformaram em um movimento politizado que elegeu quatro deputados alguns anos depois⁹.

A experiência de ocupação de instituições de ensino já havia sido testada no Brasil, em 2015, quando escolas de São Paulo foram ocupadas pelo fim da política de reestruturação e fechamento proposto pelo governo do estado. Escolas de Goiás também foram ocupadas em protesto contra a transferência da administração dos colégios públicos para as chamadas Organizações Sociais (OS), entidades filantrópicas privadas. Em ambos os casos, os estudantes afirmaram inspirar-se no movimento

⁸Mapa das ocupações estudantis em 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2uA78Z4>>. Acesso 30 Mai 2018.

⁹ "Ex-líderes estudantis são eleitos deputados no Chile." Disponível em: <<https://glo.bo/2zV7zjq>>. Acesso 14 Nov. 2018.

chileno, inclusive no modelo de organização interna, em que utilizaram-se do manual escrito pelos estudantes secundaristas chilenos e argentinos, intitulado "Como ocupar um colégio"¹⁰.

Apesar de ter se popularizado no movimento estudantil apenas a partir de 2015, Piolli et al. (2016) afirma que a ocupação é uma tática de ação direta utilizada pelos movimentos sociais há bastante tempo, assim como bloqueios e piquetes. No Brasil, organizações como o Movimento Sem Teto (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que lutam pela reforma agrária e pela habitação urbana, respectivamente, há décadas ocupam espaços para reivindicar suas pautas e ressignificar espaços. Nos últimos anos, a tática se intensificou ainda com ocupações de praças e locais públicos mundo afora, como foi o caso do *Occupy Wall Street*, nos Estados Unidos, e o 15M, na Espanha.

Na UnB, a ocupação durou 45 dias (de 31 de outubro de 2016 a 13 de dezembro de 2016) e se espalhou por 17 espaços (faculdades, institutos, blocos de aula, dentre outros) de três campi diferentes. O movimento teve início após uma assembleia convocada pela Comissão Eleitoral do Diretório Central dos Estudantes (DCE), tendo como pauta central as ocupações no Brasil em torno das mobilizações contra os retrocessos na Educação. Cerca de 1,4 mil estudantes se encontraram para debater sobre os rumos da Universidade e o contexto político, deliberando, por voto em contraste da maioria presente, a ocupação da Reitoria no mesmo dia. Nos dias que se seguiram, estudantes ligados a diferentes cursos fizeram assembleias e decidiram pela ocupação também de seus respectivos institutos e/ou faculdades.

Aos 54 anos, a Universidade idealizada por Darcy Ribeiro e a nona mais bem avaliada do país, de acordo com o Ranking Universitário Folha (RUF) de 2017¹¹, virou palco de aulas públicas abertas, intervenções artísticas e debates acerca da conjuntura do país. Além disso, o movimento estudantil da UnB articulou um acampamento com mais de mil estudantes de todo o país e duas manifestações na Esplanada dos

¹⁰ PDF da versão em português disponível em: <http://bit.ly/como-ocupar>

¹¹UnB mantém nona posição em ranking da Folha. Disponível em: <<https://bit.ly/2xeTQ7R>>. Acesso 14 Jul 2018.

Ministérios, que foram duramente reprimidas pela Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF).

Apesar do histórico de discordâncias entre setores políticos do movimento estudantil, os grupos presentes na ocupação dialogaram sem grandes conflitos, entendendo a unidade como estratégica naquele momento em que reivindicavam pautas comuns. A UNE, enquanto maior entidade de representação dos estudantes universitários naquele momento, apoiou o movimento e realizou um encontro na UnB durante a ocupação.

Outro aspecto a ser destacado foi a participação e o protagonismo de estudantes mulheres na Ocupa UnB — algo diferente do padrão de presença de mulheres dentro do âmbito político, que ainda é muito pequena, especialmente no Brasil — há somente 15%¹² de mulheres ocupando cadeiras no Congresso Nacional, um dos piores índices do mundo¹³. Na ocupação, as mulheres participaram de todas as comissões, inclusive relacionadas à segurança e articulação política.

Após uma série de ações, inclusive na Justiça, a favor e contra o movimento de ocupação, os ocupantes decidiram pela desocupação dos espaços, que ocorreu no dia 8 de dezembro e no dia 13 de dezembro de 2016, durante a votação da PEC do Teto de Gastos em segundo turno no Senado Federal. Mesmo com todas as mobilizações, a PEC e a Reforma do Ensino Médio foram aprovadas pelas Casas legislativas e promulgadas pela Presidência da República naquele mesmo ano. Até o fechamento deste artigo, o "Escola Sem Partido" ainda estava em tramitação no Congresso Nacional.

A cobertura da mídia tradicional

Para fins de análise, foram levantadas as reportagens publicadas sobre o movimento de ocupação durante o período em que espaços da UnB estiveram

¹² Porcentagem relativa à composição da 56ª Legislatura, eleita em 2018.

¹³ "A presença de mulheres no Legislativo no mundo em 2018". Disponível em: <<http://bit.ly/2Uni60p>>. Acesso 9 Dec. 2018.

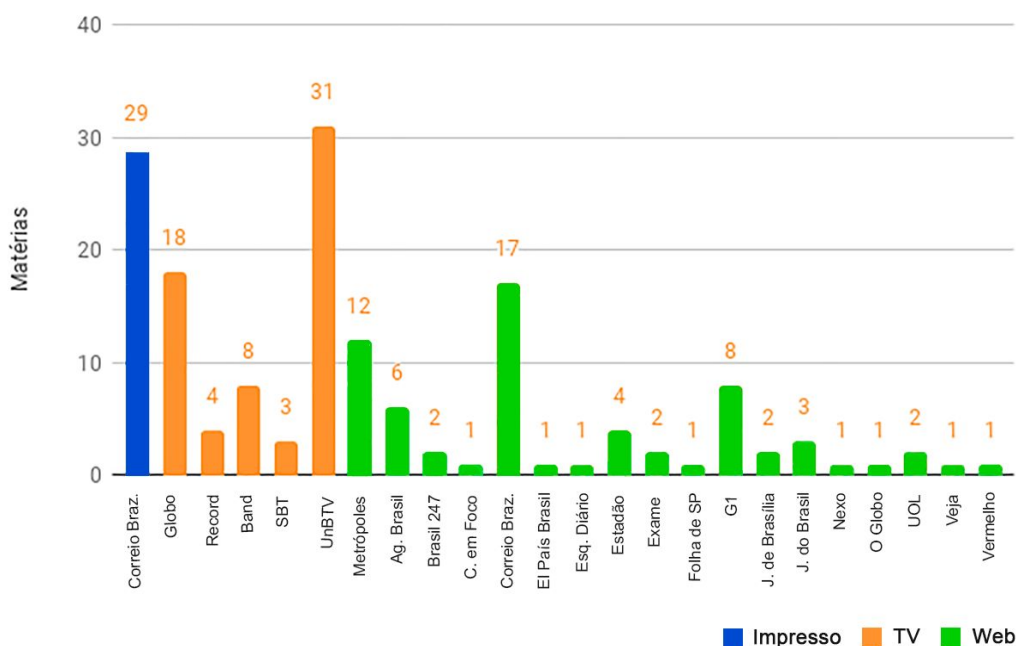
ocupados (de outubro a dezembro de 2016). Observamos 159 notícias no total, sendo 66 online (de veículos diversos), 64 televisivas (incluindo UnB TV, com 31 notícias; TV Globo, com 18 matérias; TV Bandeirantes, com oito reportagens; TV Record, com quatro notícias, e SBT TV, com três notícias) e 29 impressas (todas do Correio Braziliense).

Com base neste levantamento, destacamos as publicações online e televisivas, uma vez que tiveram maior número. Foi possível observar, por exemplo, que, dentre as matérias online, tanto veículos tradicionais quanto alternativos cobriram o movimento de ocupação. Alguns portais fizeram análises e boa parte vinculou os atos de ocupação ou protestos aos seus motivos manifestados pelos estudantes. A maior parte das matérias (17) foi publicada pelo portal online do Correio Braziliense, pelo Metrôpoles (12; atualmente maior portal do DF) e pelo G1 (8), site vinculado à Rede Globo.

Outras notícias ou análises foram publicadas pela Agência Brasil (6); pelo Estadão (4); pelo Jornal do Brasil (3); pelo Jornal de Brasília, Portal Uol e Brasil 247 e Exame (2 cada); e Congresso em Foco, Esquerda Diário, El País, O Globo, Veja, Nexô, Vermelho e Folha de S. Paulo (1 reportagem cada). O conjunto de matérias publicadas pode ser observada no Gráfico 1, abaixo:

Gráfico 1

Número de matérias por veículo



Fonte: Autoria própria.

Apenas dois veículos, dentre os 24 constatados, possuem caráter público: a UnB TV, emissora universitária da instituição; e a Agência Brasil, vinculada à Empresa Brasil de Comunicação (EBC). Ambos buscaram abordar, de maneira mais equilibrada, os dois posicionamentos principais em jogo a respeito do movimento, diferentemente das emissoras comerciais, que em sua maioria focaram apenas nas "consequências" da ocupação. Dentre as emissoras privadas de TV, a sucursal da Rede Globo no Distrito Federal foi a que colocou no ar mais reportagens sobre o tema, com 18 matérias que, direta ou indiretamente, faziam referência à ocupação.

Destacamos aqui alguns dados relativos às notícias veiculadas pela TV Globo, uma vez que seus programas noticiosos como DF TV 1a. E 2a Edição são os principais programas de informação local e desempenham papel importante no agendamento de temas locais. Além disso, uma de suas reportagens recebeu resposta direta do Ocupa UnB, como se verá mais adiante.

A partir do levantamento inicial de matérias, observamos de que maneira o movimento Ocupa UnB era tratado e como se explicavam as razões do protesto. Quatorze reportagens da TV Globo (quase 80%) usaram explicitamente o termo "vandalismo"; as outras enfatizavam o termo "invasão" e elencavam pontos "negativos" da Ocupa, como o adiamento da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para os estudantes que tinham sido escalados para fazer a avaliação na UnB. Ao falar das manifestações na Esplanada, nem uma das reportagens entrevistou algum manifestante. Uma delas enfatizou apenas os "atos de vandalismo", sem mencionar a pauta do protesto e quem estava à frente da organização. Na Record, no SBT e na Band a linha adotada foi semelhante à da Globo, com destaque, em grande parte, para aspectos negativos relativos à ocupação.

Apesar de a violência policial contra os manifestantes também ter sido uma questão presente nos atos, esta foi pouco destacada pelos meios de grande circulação, que focaram quase exclusivamente em danos materiais. Com uso de bombas de gás lacrimogêneo, sprays de pimenta, tiros de borracha e cassetetes, a Polícia Militar agiu contra os estudantes, deixando dezenas de feridos nos dois atos contra a PEC. Foram registradas, ainda, ao menos 72 detenções arbitrárias só no segundo ato — os quais foram inicialmente enquadrados como "terroristas", com base na Lei de Segurança Nacional¹⁴.

Dentre as reportagens analisadas de veículos comerciais, no entanto, nenhuma teve como foco principal a repressão policial. Quando se mencionava o uso da força para conter as manifestações, esta era tratada como uma "reação às ofensivas dos estudantes", sem qualquer menção ao desrespeito aos direitos humanos por parte do Estado. É importante mencionar, ainda, que a repressão não se limitou aos atos nas ruas: uma decisão judicial da Vara da Infância e da Juventude do Distrito Federal chegou a autorizar, no dia 30 de outubro de 2016, que policiais empregassem "métodos semelhantes à tortura"¹⁵ (corte de água e energia, isolamento físico e

¹⁴ "Detidos em ato contra a PEC do Teto no DF podem ser enquadrados na lei antiterrorismo". Disponível em: <<http://bit.ly/2EbdB36>>. Acesso 9 Dec. 2018.

¹⁵ "Juiz autoriza uso de técnicas de tortura em escola ocupada no DF". Disponível em: <<http://bit.ly/2UuDI08>>.. Acesso 9 Dec. 2018.

utilização de instrumentos sonoros para impedir o sono) contra estudantes que ocupavam uma escola de ensino médio.

Observamos que o tipo de cobertura realizado pelos veículos analisados sobre as ocupações seguiu as tendências gerais de cobertura da mídia brasileira em relação aos movimentos sociais populares. Peruzzo (2017 in Geraldles et al., 2017), por exemplo, afirma que:

No Brasil há três posturas dos grandes meios de comunicação convencionais frente aos movimentos sociais populares. Ignoram ou omitem a informação sobre os mesmos, tratam os mesmos de modo superficial e parcial, ou deturpam e criminalizam os movimentos sociais de base popular. A omissão ocorre quando os movimentos, apesar de insistirem na difusão de informação sobre suas ações e propostas, não veem suas notícias nas páginas dos jornais ou nos noticiários radiofônicos, televisivos ou nos portais na internet. Quando publicam algo, em geral a matéria é superficial e tendenciosa ao focar apenas parcialmente os aspectos que o movimento tem a dizer sobre sua razão de existir e suas reivindicações. Prevalece a visão editada do jornalista e do próprio meio de comunicação que difunde a informação. Quanto à deturpação e à criminalização dos movimentos sociais, essas se tornam evidentes ao se informar sobre determinados acontecimentos que os envolvem enfatizando apenas aspectos que afetam negativamente sua imagem (Peruzzo in Geraldles et al., 2017, p. 67)

Para compreender melhor o posicionamento da Rede Globo no que diz respeito à pauta em questão (PEC do Teto de Gastos), levantamos os editoriais do Jornal O Globo, pertencente ao mesmo grupo de comunicação, que se posicionassem em relação ao projeto, publicados entre junho e dezembro de 2016. Foram nove do total, todos a favor do congelamento dos investimentos por 20 anos — o principal argumento usado era a "necessidade de um ajuste fiscal", devido ao momento de crise econômica. Abaixo, pode-se conferir as Tabelas 2 e 3 com título e data das reportagens da TV

Globo relacionadas à Ocupa UnB e dos editoriais publicados pelo Globo, respectivamente.

Tabela 2 - Reportagens da TV Globo relacionadas à Ocupa UnB

Título	Data de veiculação	Link
Alunos que vão ter o Enem adiado começam a receber mensagens de texto no celular	02/11/2016	https://goo.gl/yFRXh7
Desde 31 de outubro a Universidade de Brasília está invadida por estudantes	17/11/2016	https://goo.gl/Q7J35b
Manifestantes protestam na Esplanada dos Ministérios	29/11/2016	https://goo.gl/UTCRR6
Manifestação de estudantes termina em quebra-quebra na Esplanada	29/11/2016	https://goo.gl/JzxLEq
Nesta quarta (30), as marcas de vandalismo ainda estavam na Esplanada dos Ministérios	30/11/2016	https://goo.gl/4KVdxK
Esplanada dos Ministério tem rastro de destruição após manifestação de estudantes	30/11/2016	https://goo.gl/j6Zj6P
Imagens permitem identificar vândalos da Esplanada	30/11/2016	https://goo.gl/Nf1Ysd
Voluntários se unem mais uma vez para reduzir marcas do vandalismo na Esplanada	03/12/2016	https://goo.gl/6JXN5P
Vandalismo na Esplanada completa uma semana	06/12/2016	https://goo.gl/tG7XZk
Estudantes da UnB começam a desocupar a universidade após acordo	09/12/2016	https://goo.gl/452pQs
Protestos contra votação final da PEC dos gastos públicos fecham o Eixo Monumental	13/12/2016	https://goo.gl/rZJdqK
Manifestantes protestam contra a aprovação da PEC	13/12/2016	https://goo.gl/d9TiD6
Brasília tem dia de protesto e vandalismo	13/12/2016	https://goo.gl/t6p4SY
Protesto contra a PEC dos gastos na Esplanada termina em confusão e	14/12/2016	https://goo.gl/Vn78L2

vandalismo		
Comando da Segurança Pública faz balanço das cenas de vandalismo no DF	14/12/2016	https://goo.gl/dPhnwX
Mascarados destroem, de novo, patrimônio público e privado no Centro da capital	14/12/2016	https://goo.gl/D8rQRh
Atos de vandalismo em manifestação geram reações da sociedade civil e do GDF	15/12/2016	https://goo.gl/nHhBQk
Polícia mostra manual de guerrilha encontrado com manifestantes	15/12/2016	https://goo.gl/fRaK2t

Fonte: Autoria própria

Tabela 3 - Editoriais d'O Globo sobre a PEC do Teto

Título	Data de veiculação
Teto para gastos é o marco zero de reformas	18/06/2016
Teto dos gastos é fundamental para ajuste	06/10/2016
O que está em jogo	10/10/2016
PEC do Teto ajuda Brasil a fazer orçamento de fato	12/10/2016
Teto dos gastos é vital para mais cortes nos juros	21/10/2016
Teto de gastos é um divisor de águas para o país	23/10/2016
Corporações tentam demonizar o teto dos gastos	23/10/2016
Máxima urgência para a PEC no Senado	27/10/2016
Aprovação da PEC é contraponto otimista	14/12/2016

Fonte: Autoria própria

A cobertura da TV Globo foi alvo de contraponto narrativo produzido pela assessoria de imprensa do movimento. Um vídeo-resposta refutou diretamente a uma reportagem da Rede Globo, veiculada no jornal DF TV 2ª edição no dia 17 de

novembro de 2016 — a primeira transmitida diretamente sobre o tema¹⁶. A matéria de sete minutos, que trata a ocupação como "invasão" e dedica a maior parte dos argumentos para criminalizar o movimento foi duramente criticada pelos manifestantes, que rebateram os argumentos da emissora, disputando narrativamente os termos, as causas e os rumos do Ocupa UnB.

Na reportagem, a repórter, por exemplo, afirmava que "professores estavam dando aulas do lado de fora porque não havia sala de aula". No entanto, os estudantes explicaram que as imagens mostradas não se referiam a aulas que estavam sendo ministradas fora de seu espaço original, mas tratava-se de aulas públicas e voluntárias de docentes em apoio ao movimento.

O vídeo produzido pelo OcupaUnB foi compartilhado por páginas do movimento estudantil do país e de partidos políticos, como a UNE e o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), e até o fechamento deste artigo possuía 106 mil visualizações e 3,4 mil compartilhamentos. Segundo os ocupantes, o vídeo alcançou mais de 275 mil pessoas, sendo que cerca de 15 mil delas interagiram de alguma forma com a publicação — seja curtindo, comentando ou compartilhando.

Assim, devido à cobertura midiática considerada pouco favorável ao movimento, além da boa receptividade do público nas mídias sociais aos conteúdos próprios da Ocupa UnB, os ocupantes optaram por organizar uma narrativa própria dos protestos/eventos que eram promovidos, independente da mídia tradicional. Os dois grandes atos contra a PEC do Teto de Gastos, por exemplo, contaram com uma cobertura organizada pelos estudantes, com dezenas de colaboradores em transmissões ao vivo, fotos e vídeos e em parceria com coletivos de mídia alternativa. Os conteúdos foram reproduzidos nas principais mídias independentes do país.

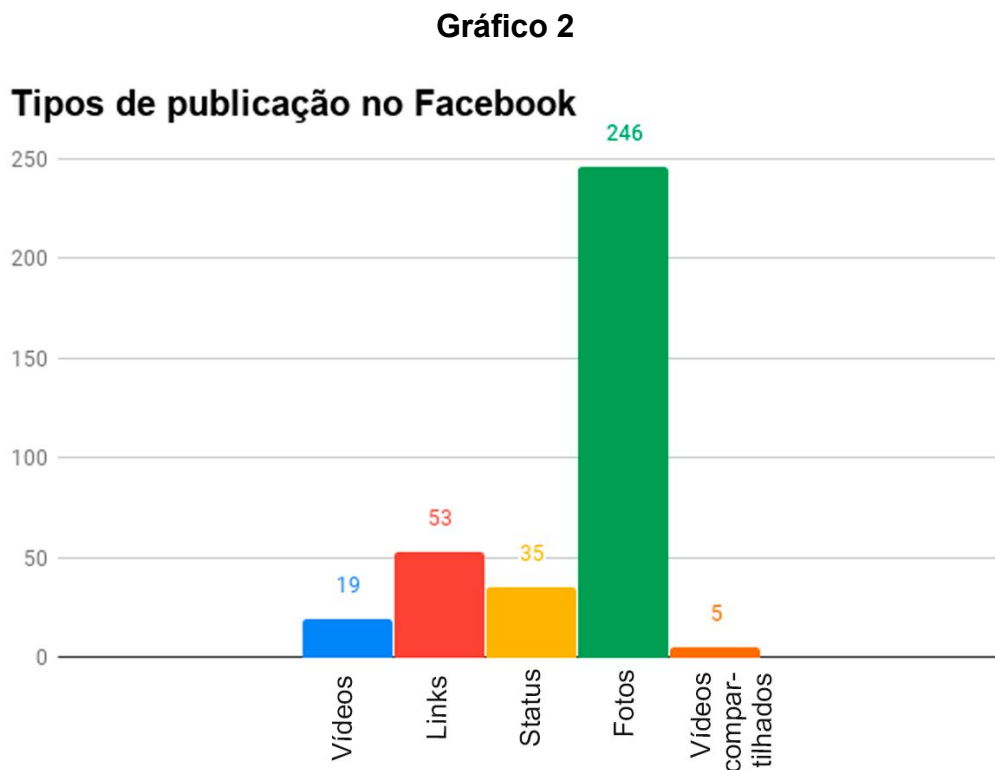
¹⁶Disponível em: globoplay.globo.com/v/5455217/programa/

Midiativismo: a construção das narrativas da Ocupa UnB

Logo que a ocupação se iniciou, os ocupantes criaram uma página no Facebook (fb.com/ocupaunb), produziram uma identidade visual e publicaram o manifesto do movimento, com as deliberações da assembleia. O grupo (ou comissão) de Comunicação do movimento passou a ser responsável pelas produções a partir de então.

Com base na definição de Andrade (2017), podemos afirmar que a comissão funcionou como um coletivo de comunicação, isto é, uma nova forma organizativa de movimento social que produz coberturas de caráter noticioso descentralizadas, em fluxo e em rede, com pouco recurso financeiro, uso massivo da tecnologia e colaboração de voluntários. É característica do coletivo, ainda, a oposição à imprensa *mainstream*, adotando uma postura de denúncia que coloca em xeque a credibilidade da grande mídia e passa a disputar legitimidade com atores tradicionais do jornalismo.

Para fins desta pesquisa, identificamos 1.243 produções, incluindo oito impressos (cartilhas, panfletos e cartazes); 358 postagens no Facebook; sete arquivos de áudio da rádio; e 870 tuítes. O Facebook foi o nosso foco de análise, também por ter sido o principal meio de comunicação para fora da ocupação, usado pelos manifestantes para divulgar notas e informes oficiais do movimento, deliberações públicas das assembleias, agenda de atividades do dia (oficinas, aulas públicas, palestras, dentre outros) e pedidos de doação para apoiadores. Além disso, de acordo com os entrevistados, frequentemente jornalistas, pesquisadores e membros de outros movimentos sociais (muitas vezes, outras ocupações pelo país) entravam em contato com a Ocupa UnB através da ferramenta de mensagem direta da página do Facebook. Os principais tipos de postagem estão listados no Gráfico 2, abaixo:



Fonte: Autoria própria.

Percebe-se que a maior parte das publicações (cerca de 70%) são fotos — ou imagens —, mostrando uma tentativa do movimento em chamar atenção do público de forma visual. A Comunicação da Ocupa UnB, segundo entrevistados, contava com pelo menos três pessoas dedicadas ao design e às produções gráficas, que se revezavam para produzir esses conteúdos para os posts a partir da identidade visual adotada desde o primeiro dia de ocupação. Os principais tipos de conteúdo de imagem eram as divulgações de agenda, notas e apoios.

A página do Facebook atingiu mais de 7 mil curtidas em uma semana de ocupação¹⁷. Ao final da onda de ocupações, atingia o terceiro lugar dentre as maiores páginas das ocupações pelo país, com 11 mil curtidas, ficando atrás apenas da Ocupa UFPR (11,1 mil) e da Ocupa UFRJ (12 mil). A página, atualmente, é a terceira em número de curtidas em relação a outras páginas do movimento estudantil da UnB, perdendo para o coletivo que esteve cinco anos na gestão do Diretório Central dos

¹⁷ Dados fornecidos pela Ocupa UnB.

Estudantes (DCE), Aliança Pela Liberdade (13 mil) — do espectro político da direita liberal; e para a página do próprio DCE (30 mil). A Ocupa UnB obteve, ainda, um número de curtidas quase três vezes maior ao da página "Respeita minha aula", criada por estudantes contrários ao movimento de ocupação.

Separamos as palavras mais mencionadas nas postagens da Ocupa UnB durante o período considerado para análise. Palavras conectivas (por exemplo: "para", "essa", "é" etc.). foram desconsideradas para o estudo. A palavra que mais aparece é “estudantes” (192 vezes), seguida respectivamente de “PEC” (187 vezes), “UnB” (176 vezes), “ocupação” (143 vezes) e “contra” (134 vezes). A Tabela 3 com a relação das 10 palavras mais recorrentes e a nuvem de palavras que evidencia o impacto de cada uma podem ser conferidas abaixo:

Tabela 3

Palavra	Ocorrência
PEC	187
UnB	176
Ocupação	143
Contra	134
Movimento	105
Universidade	98
Educação	95
Ocupações	91
Luta	82

Fonte: Autoria própria.

Imagem 1: Nuvem de palavras



Fonte: Autoria própria.

Os termos mais usados mostram que os ocupantes procuraram reforçar o motivo principal do protesto: contra a PEC do Teto de Gastos. As palavras "direitos", "política", "luta" e "Educação" também dão o tom do que foi o movimento. Várias postagens são de tom informativo e de formação política. Eles tinham, inclusive, a prática de escrever cartilhas sobre o movimento e as pautas reivindicadas.

Para além do Facebook, membros da comissão de Comunicação instalaram uma **rádio web** com funcionamento diário e praticamente 24h. A programação contava com músicas e programas feitos pelos próprios ocupantes, que iam desde informes sobre o movimento até bate-papo sobre comportamento. Para acompanhar a rádio, foi criado um perfil no Twitter (@radiounbocupa), permitindo a interação com o público através de respostas, retuítes, curtidas, enquetes e mensagens diretas. O Twitter tinha uma linguagem mais informal (característica da rede) e frequentemente utilizava abreviações, gírias, memes, etc., dialogando com o estilo da própria rádio.

Os espectadores podiam, assim, pedir músicas, opinar sobre os assuntos abordados nos programas e responder em tempo real aos questionamentos dos

locutores — que se apresentavam por pseudônimos. A maioria dos pseudônimos homenageava figuras históricas do movimento estudantil, como o ex-presidente da UNE e ex-estudante da UnB desaparecido durante a ditadura militar brasileira, Honestino Guimarães.

A rádio chegou a fazer algumas inserções ao vivo, enviando "correspondentes" a outras ocupações e fazendo entrevistas via telefone, como foi o caso da visita da cantora Zélia Duncan ao Instituto de Artes, transmitida em tempo real pela rádio.

Considerações finais: a disputa de narrativas

Apesar de o movimento ter sofrido uma derrota política em termos mais amplos, uma vez que a PEC do Teto de Gastos e a Reforma do Ensino Médio foram aprovadas ainda no mesmo ano, cabe destacar a disputa narrativa travada pela Ocupa UnB em relação às reportagens da mídia tradicional. O trabalho de organização de narrativa pública própria do movimento contribuiu para o posicionamento de imagem do movimento dentro da Universidade.

Com meios próprios de se comunicar, incluindo redes sociais, os ocupantes deram visibilidade às pautas e à organização do movimento de uma perspectiva diferente da que estava sendo noticiada em grandes meios de comunicação, contribuindo para a pluralidade do debate e para a democratização da informação.

No entanto, o campo de pesquisa na uso das redes sociais para produzir uma comunicação ativista e, conseqüentemente, uma contranarrativa, ainda é recente, o que nos impede de entender o impacto real do uso dessas mídias e o quanto elas de fato interferem na veiculação de notícias dos meios tradicionais.

Com esta pesquisa, esperamos ter contribuído para o debate sobre a cobertura jornalística e a comunicação ativista de movimentos sociais, além de ter registrado parte desse momento histórico da Universidade de Brasília e do país. Outras pesquisas devem ser incentivadas a fim de responder questões que, devido às limitações mencionadas acima, não conseguimos desenvolver.

Referências

ANDRADE, Samaria. **Poder e legitimidade no campo do Jornalismo: os Coletivos de Comunicação e as tensões de um modelo em xeque**. Trabalho apresentado no 18o Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado de 26 a 29 de julho de 2017 em Brasília (DF).

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança – movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

COSTA, Ana Paula Miranda; MALINI, Fabio. **Mídia Ninja ES: Midiativismo e narrativas independentes no Facebook durante a ocupação de escolas no Espírito Santo**. Trabalho apresentado no 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 9 de setembro de 2017 em Curitiba - PR.

Ex-líderes estudantis são eleitos deputados no Chile. Jornal O Globo. Disponível em: <<https://glo.bo/2zV7zjq>>. Acesso 14 Nov. 2018.

GERALDES, Elen et al. **Um grito no ar – Comunicação e Criminalização dos Movimentos Sociais**. Brasília: FAC-UnB, 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LEMOS, André.; Berger, Christa, Barbosa, Marialva (orgs). **Narrativas Midiáticas Contemporâneas**. Florianópolis, Compós/Editora Sulina, 2006.

Mapa de ocupações estudantis. Disponível em: <<http://bit.ly/2SvIMep>>. Acesso 14 Jul 2018.

MOTA, Célia L.; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (orgs.). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis, 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Narratologia: teoria e análise**. Brasília, Casa das Musas, 2005.

PIOLLI, Evaldo; PEREIRA, Luciano; MESKO, Andressa de Sousa Rodrigues. **A proposta de reorganização escolar do governo paulista e o movimento estudantil**

secundarista. Crítica Educativa, Sorocaba/SP, v. 2, n. 1, p. 21-35, jan./jun. 2016.

UGARTE, Davi. **El poder de las redes.** Madrid: Biblioteca de las Indias Electrónicas, 2007.